



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CLEYTON EDMAR DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE FAMÍLIAS DE PICOS - PI:  
ASSEMBLÉIA DE DEUS DE PICOS, NA DÉCADA DE 1990.**

PICOS – PI  
2013

CLEYTON EDMAR DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE FAMÍLIAS DE PICOS - PI:  
ASSEMBLÉIA DE DEUS DE PICOS, NA DÉCADA DE 1990**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria Koch.

Eu, **Cleyton Edmar da Silva**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 26 de setembro de 2013.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S586r** Silva, Cleyton Edmar da.  
Representação iconográfica de famílias de Picos – PI:  
Assembléia de Deus de Picos, na década de 1990 / Cleyton  
Edmar da Silva. – 2013.  
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. ( 60p.)  
  
Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade  
Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.  
Orientador(A): Prof. Dra. Ana Maria Koch  
  
1. Iconografia. 2. Fotografia. 3. Assembléia de Deus. I.  
Titulo.

**CDD 779**

CLEYTON EDMAR DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE FAMÍLIAS DE PICOS - PI:  
ASSEMBLÉIA DE DEUS DE PICOS, NA DÉCADA DE 1990.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Ana Maria Koch.

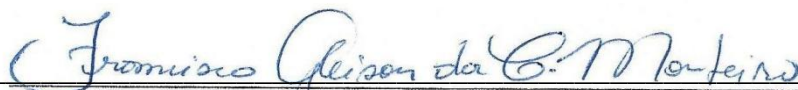
Data de aprovação: 17 / 09 / 2013

BANCA EXAMINADORA



---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Koch / UFPI – CSHNB  
(Orientador)



---

Prof. Ms. Francisco Gleison Monteiro dos Santos / UFPI – CSHNB  
(Examinador)



---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Cristiane Feitosa Pinheiro / UFPI – CSHNB  
(Examinador)

Dedico essa monografia a Deus, razão da minha existência, aos meus pais Antônia Joaquina e Francisco Edmar, aos meus irmãos, Cleydnilton, Cleydiel e Cleyvan, aos meus avós paternos José Crispim e Maria José, aos meus avós maternos Joaquina Ana e José Holanda, aos meus amigos, a todos pelo apoio e paciência que me proporcionaram.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, Aquele que é a razão da minha existência, meu bem maior, a força que move os meus passos, o motivo que me faz prosseguir, a Ele os meus sinceros agradecimentos pelo dom da vida, por a minha família, pela saúde, paz, por meus amigos, por sua companhia sempre fiel em todos os momentos.

Aos meus pais, Francisco Edmar da Silva (Dimas) e Antônia Joaquina da Conceição Silva (Santa) pelo apoio desde o meu nascimento, por acompanharem cada conquista, pela paciência, pela contribuição para a minha formação intelectual e profissional, pelo apoio ao longo da vida.

Aos meus familiares, em especial aos meus tios e tias, primos (as), minhas avós Joaquina e Maria José, meus avôs José Crispim e José Holanda.

A minha orientadora, professora Ana Maria Koch, pelo cuidado, receptividade, apoio, paciência, atenção e credibilidade. Também a todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica em especial ao professor, Dr. Francisco de Assis do Nascimento, pelo incentivo, preocupação e companheirismo.

Aos todos os meus amigos de curso, em especial aos que compartilhei experiências durante a graduação, Fagna Sá, Maica Emanuella, Hortência Moura e Elayne Tayana, pelos momentos alegres e de superação que passamos juntos.

As famílias que estudei para realização dessa monografia, em especial à família do Pastor. Luís Pereira de Sousa, pela grande contribuição para a realização deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Muito obrigado!

“A imagem fotográfica é mais que a retenção de um fragmento do real sobre o suporte. São trechos de uma realidade suspensa no tempo roubado da vida e devolvido a ela com revelações inesperadas.” Luís Humberto.

## RESUMO

As fontes iconográficas possibilitam aos historiadores meios eficazes de pesquisa, dentro dessa perspectiva, o documento fotográfico destaca-se como representação de uma determinada época, permitindo conhecer aspectos relevantes da construção histórica. Para fundamentar a pesquisa utilizamos as contribuições de teóricos como Kossoy (2001), Borges (2011), Mauad (1996), entre outros. Ao analisar as fotografias de famílias pertencentes à Igreja Assembléia de Deus em Picos - PI, no recorte temporal da década de 1990, pretende-se elencar a identidade dessa instituição religiosa no contexto social, mostrando sua representatividade, destacando seus princípios retratados na amostragem fotográfica das famílias, percebendo os ideais de distinção religiosa em análise de batismos, casamentos, funerais e celebrações (cultos), percebendo ainda os estereótipos modelos, no que se refere às vestes, e a iconografia dos templos, a partir de um modelo de diferenciação religiosa, ressaltando a ausência de símbolos em virtude do combate à idolatria. Analisar as fotografias dessas famílias permitirá a reconstituição das práticas religiosas da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990.

Palavras-chave: Iconografia, Fotografia, Assembléia de Deus.



## **ABSTRACT**

The iconographic sources to enable historians effective means of research within this perspective, the photographic document stands as a representation of a particular season, allowing to know the relevant aspects of the historical construction. To support the research used the contributions of theorists like Kossoy (2001), Borges (2011), Mauad (1996), among others. By analyzing the photographs of families belonging to the Assembly of God Church in Picos - PI, in time frame of the 1990s, aims to list the identity of this religious institution in the social context, showing their representation, highlighting its principles portrayed in photographic sampling of families, realizing the ideals of religious distinction in analysis of baptisms, marriages, funerals and celebrations (cults), yet realizing the stereotypes models, with regard to clothes, and the iconography of the temples, as a model of religious differentiation, emphasizing the absence of symbols under combat idolatry. Analyze the photographs of these families allow reconstitution of the religious practices of the Church Assembly of God Peaks - PI, in the 1990s.

Keywords: Iconography, Photography, Assembly of God.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Batismo de um dos membros da família A (1992).....	36
Fotografia 2: Batismo de um dos membros da família A (1993).....	36
Fotografia 3: Apresentação de uma criança recém-nascida na Igreja Assembléia Deus de Picos – PI (1992).....	38
Fotografia 4: Casamento de um dos filhos da família B, membros da Assembléia de Deus de Picos –PI (1998).....	39
Fotografia 5: Funeral de um membro da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI (1998).....	40
Fotografia 6: Funeral de uma criança membro da família B (1999). ....	40
Fotografia 7: Louvor individual: membro da Assembléia de Deus de Picos – PI cantando em um culto (1996).....	42
Fotografia 8: Conjunto de jovens da Assembléia de Deus de Picos – PI (Templo Central) em 1990.....	43
Fotografia 9: Conjunto de jovens da Assembléia de Deus de Picos – PI (Samambaia) em 1999. ....	44
Fotografia 10: Conjunto de crianças da Assembléia de Deus do bairro Samambaia, Picos – PI (1998).....	45
Fotografia 11: Conjunto de Crianças da Assembléia de Deus do bairro Passagem das Pedras, Picos – PI (1999).....	46
Fotografia 12: Grupo de jovens (moças) da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI (Coreografia) em 1999. ....	47
Fotografia 13: Membro da Assembléia de Deus de Picos – PI reunidos para o evangelismo, 1996. ....	48
Fotografia 14: Cruzada evangelística realizada pela Assembléia de Deus de Picos – PI, 1999.....	49
Fotografia 15: Concentração de fiéis da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI (Cruzada evangelística), 1999.....	49
Fotografia 16: Pastor da Assembléia de Deus de Picos - PI, em sermão de ensinamento, 1996.....	50
Fotografia 17: Pastor da Assembléia de Deus de Picos – PI, leitura da Bíblia, 1999....	50
Fotografia 18: Fiéis da Igreja Assembléia de Deus, portando Bíblias Sagradas, 1998.	51

Fotografia 19: Reforma do Templo Central da Assembléia de Deus de Picos – PI, 1991. ....	52
Fotografia 20: Inauguração da Assembléia de Deus do bairro Passagem das Pedras, Picos – PI, em 1994. ....	53
Fotografia 21: Capa do livreto entregue em 1997 na festa dos 50 anos da Assembléia de Deus de Picos – PI. ....	54
Fotografia 22: Templos da Assembléia de Deus de Picos – PI em 1997, (Livreto do Jubileu de Ouro – 50 anos). ....	55

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I - ANÁLISE ICONOGRÁFICA: MÉTODOS DE FOTOGRAFIAS</b> .....	17
1.1 O advento da fotografia: processo documental .....	21
1.2 Metodologias da pesquisa iconográfica: recuperação de informações.....	26
<b>CAPÍTULO II – ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIAS DE PICOS – PI: ASSEMBLÉIA DE DEUS DE PICOS – PI, NA DÉCADA DE 1990.</b> .....	34
2.1 Batismos: reafirmação pública da fé.....	36
2.2 Casamentos .....	38
2.3 Representações da morte: funerais.....	39
2.4 Cultos: adoração, conversão e ensinamento .....	41
2.4.1 Adoração: louvores individuais e coletivos .....	42
2.4.2 Conversão: evangelismos e cultos públicos.....	47
2.4.3 Ensino bíblico protestante: Assembléia de Deus .....	49
2.5 Espaços sagrado: Templos.....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58

## INTRODUÇÃO

Ao visitar o Museu Ozildo Albano, em Picos – PI, percebi um vasto acervo, que engloba uma série de fontes históricas, mas ao ter acesso à sala destinada aos artigos religiosos percebi a predominância de objetos, textos escritos e fotografias enfatizando as práticas religiosas Católicas, não existindo nenhum documento, que ateste a presença de instituições religiosas protestantes na cidade de Picos – PI.

A pesquisa que se segue partiu da curiosidade de perceber como as famílias convertidas ao protestantismo e integrantes da Igreja Assembléia de Deus de Picos - PI registram e apresentam através das fotografias os princípios ensinados por essa instituição religiosa, caracterizando um modelo de diferenciação das práticas religiosas católicas.

Em virtude do interesse pela temática, durante o IV Período do curso, juntamente com colegas graduandos desenvolvemos um artigo científico e uma comunicação científica em pôster com a temática que retratava as mudanças e continuidades da religiosidade na cidade de Picos – PI, pondo de forma enfática a descrição da religião Católica, suas simbologias e representações, enfatizou-se também as mudanças ocorridas no contexto religioso, predominantemente católico, por intermédio da chegada do protestantismo na cidade de Picos – PI, especificamente a Igreja Assembléia de Deus, gerando então constante interesse pelo tema, em retratar a representatividade dessa instituição.

Em virtude das novas descobertas no campo historiográfico, da multiplicidade das fontes, das novas metodologias existentes na construção histórica, a presente pesquisa: Representação Iconográfica de Famílias de Picos - PI: Assembléia de Deus de Picos, na década de 1990, pretende amparar-se no método iconográfico, no que diz respeito às imagens visuais, fotografias, para retratar as práticas religiosas dos indivíduos participantes dessa instituição religiosa protestante. Segundo Boris Kossoy “(2001, p. 28), “A iconografia fotográfica, poderia fornecer um amplo painel de informações visuais para a nossa melhor compreensão do passado em seus múltiplos aspectos.”

Camila Miranda Martins (2011, p. 16), em seu trabalho de monografia “Cultura Material e Iconografia: um estudo das ânforas gregas do festival das panateneias” que têm como objetivo principal realizar uma história com imagens, imagens iconográficas e, portanto imagens arqueológicas, afirma: “Até a década de 1930 os

documentos da História eram somente os textos escritos de natureza política ou religiosa.”

Contudo, com a redefinição do conceito de documento, que começa com os Annales, textos diversos, imagens, cultura material e outros, passam a ser consideradas fontes históricas. Martins (2011, p.16) faz referência a José Geraldo Costa Grillo e Pedro Paulo Funari que explicam que essa redefinição surge no contexto de reformulação do próprio conceito de história, a qual no século XIX tinha uma concepção cientificista, cujo objetivo era encontrar fatos e descobrir verdades. Com a crítica surgida dos Annales a história passa a ser entendida como o estudo do homem no tempo, tendo como fontes tudo aquilo que é feito pelos homens. Assim, desde 1930 as pesquisas históricas a partir de fontes diversas, dentre elas as imagens, ganham êxito.

A fotografia registra a história numa linguagem de imagens, sendo essa história múltipla apresentando pequenos e grandes eventos, transmitindo a observação do público e do privado, das personalidades históricas e dos anônimos da história, percorrendo as sensibilidades e as ideologias. Desse modo pode-se dizer que a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social, ancorado em aspectos culturais.

Segundo Ana Maria Mauad (1996):

A fotografia deve ser considerada como produto cultural, fruto do trabalho social de produção sócio-cultural. Neste sentido, toda produção da mensagem fotográfica está associada a meios técnicos de produção cultural. Pode por um lado contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e por outro, atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar. (MAUAD, 1996, p.11)

Sobre as indagações e descréditos das fontes iconográficas no que se refere às fotografias, Mauad (1996, p.15) ainda afirma: “Não importa se a imagem mente, o importante é saber por que mentiu e como mentiu.”

A análise do processo histórico de desdobramento da utilização das fontes iconográficas, enfaticamente a fotografia, é de fundamental importância para a compreensão dos fatos históricos. A cidade de Picos – PI têm suas raízes na religiosidade Católica, apresentando sua construção cultural nas práticas religiosas do catolicismo, estas envolvidas por símbolos, e representada de maneira influente no cotidiano dos indivíduos inseridos no contexto social citadino. A instituição

religiosa protestante Assembléia de Deus se estabelece na cidade de Picos – PI, precisamente no ano de 1944, como ameaçadora da “ordem religiosa” suareceptividade apresenta conflitos, ameaças, discórdias e dificuldades. Porém o recorte temporal da pesquisa é a última década do século XX, período de grande crescimento da Assembléia de Deus em Picos – PI.

Tentar analisar as fotografias de famílias da Igreja Assembléia de Deus a partir do método iconográfico, levando em consideração as informações obtidas nas fotografias de famílias inseridas nesse contexto, percebendo as diferenciações das práticas religiosas, a construção da identidade e da amostragem dessa instituição, bem como a representação dos templos, requer cuidados necessários, pois como instituição religiosa é norteada por princípios, doutrinas particulares, com isso contextualizar as fontes iconográficas, fotografias, se faz necessário.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as fotografias das famílias pertencentes à Assembléia de Deus em Picos – PI, percebendo as principais características da instituição em contraste com as práticas religiosas católicas. Norteados os objetivos específicos, destacaremos: Compreender a representatividade mostrada através da fotografia; Descrever as principais práticas religiosas dessa instituição (batismos, casamentos, funerais, cultos) a partir da análise iconográfica; Identificar as características e a importância dos templos assembleianos na cidade de Picos –PI.

A problematização da nossa produção gira em torno de perguntas que aparentemente parecem simples, mas ao serem analisadas transmitem informações precisas e necessárias ao conhecimento da instituição religiosa Assembléia de Deus na última década do século XX, na cidade de Picos – PI, sua representação social, suas práticas religiosas diferenciadoras das existentes, suas doutrinas e princípios. Pretende-se indagar: Como as práticas religiosas protestantes (batismos, casamentos, funerais e cultos), no caso dessa instituição, eram percebidas pela sociedade e registradas como símbolo de identidade? Como as simbologias de objetos, ausentes nos templos dessa instituição, caracterizavam um papel fundamental de diferenciação religiosa? Com base na organização, padronização e identificação, como os membros queriam ter momentos significativos registrados? Esses pontos serão discutidos de acordo com a análise das fotografias de famílias da Assembléia de Deus de Picos- PI.

O nosso estudo também conta com as contribuições de teóricos que fazem diálogos com a História e as fontes iconográficas, no caso às fotografias, como Boris Kossoy (2001), Maria Eliza Linhares Borges (2011), Peter Burke (2004), Paulo César Boni (2008), Ana Maria Mauad (1996), Lília Moritz Schwarcs (1998), Ulpiano T. Bezerra Meneses (2003), Vanessa Barroso Teixeira e Diego Lemos Ribeiro (2012), Zita Rosane Possamai (2008), Francisco Wellington Dantas Araújo (2011), Ana Cristina de Albuquerque e Eduardo Ismael Murguia (2010), Marcus Troup e Andrew Angel (2010), Márcia Eléia Manha Mitsi e Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza (2009), Camila Miranda Martins (2011) e outros, bem como aqueles que discutem História e Religiosidade, como Mircea Eliade (1998), Philippe Ariès e Roger Chartier (1991), Júlio José Chiavenato (2002) dentre outros.

Dividimos o trabalho monográfico em dois capítulos:

No primeiro capítulo com o título “Análise iconográfica: métodos de fotografias” trataremos inicialmente a discussão sobre valorização dos documentos escritos e a secundarização das fontes iconográficas nos séculos XVIII e XIX, em que apresentamos a fotografia como objeto de investigação, fazendo uma crítica aos que utilizam essas fontes como ilustração, desqualificando sua autenticidade, destacaremos sua utilização como testemunho, apresentando ainda a origem das fontes iconográficas como fonte de pesquisa na América Latina e no Brasil. Destacaremos ainda as metodologias da pesquisa iconográfica na recuperação das informações apresentando à seleção dos dados, a contextualização das fotografias em análise; por fim descreveremos as metodologias usadas na análise iconográfica do estudo das fotografias de famílias.

No segundo capítulo “Análise de fotografias de famílias: Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990” abordaremos a análise das fotografias de quatro famílias pertencentes a essa instituição religiosa protestante (A, B, C e D), sendo o intuito da pesquisa a análise de fotografias e não a história das famílias, com isso não identificaremos os membros das famílias analisadas, destacaremos a descrição das imagens, contextualizando-as, abordando as práticas religiosas como batismos, rituais fúnebres, casamentos, cultos (cerimônias religiosas), para este destacaremos os objetivos norteadores do culto assembleianos, a adoração, a conversão e o ensinamento, enfatizando ainda os critérios estabelecidos às vestimentas, analisando a iconografia dos templos através da imagem fotográfica, percebendo as simbologias existentes nas cerimônias religiosas.



Esperamos contribuir dessa forma para a historiografia da cidade de Picos - PI, de modo específico para a comunidade acadêmica do Campus Universitário Senador Helvídio Nunes de Barros. Com base nas fontes iconográficas deixamos os conhecimentos da pesquisa para aqueles que se interessarem pela temática.

## **CAPÍTULO I: ANÁLISE ICONOGRÁFICA: MÉTODOS DE FOTOGRAFIAS.**

Boris Kossoy (2001), em seu livro “Fotografia e História”, traz uma abordagem sobre a incursão teórica, interdisciplinar destacando as múltiplas relações entre o documento fotográfico. Esta obra é pioneira no contexto iconográfico, tornando-se fundamental a sua leitura. Kossoy (2001) é enfático ao descrever o intuito da análise iconográfica, que não se resume na interpretação, mas na descrição dos dados estudados.

A análise iconográfica tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos, o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado. A análise iconográfica, entretanto, situa-se na descrição, e não na interpretação [...] A análise iconográfica, no caso da representação fotográfica situa-se a meio caminho da busca do significado do conteúdo; ver, descrever e constatar não é suficiente. (KOSSOY, 2001, p. 99).

Pretende-se então, analisar as fotografias de famílias da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI, iconograficamente, descrevendo as imagens a fim de possibilitar a reconstrução histórica das práticas religiosas dessa instituição, enfatizando sua representatividade.

O estudo das imagens esteve presente em abordagens históricas desde os séculos XVIII e XIX, porém não é contínuo o trabalho com essas fontes entre os historiadores, tendo em vista a utilização de documentos escritos nos trabalhos historiográficos. A valorização dos documentos escritos trouxe um caráter secundário de aceitação das fontes iconográficas, no que se refere às imagens, no caso da presente pesquisa às fotografias, com isso Kossoy (2001) afirma sobre a utilização das fontes iconográficas, no caso específico o da fotografia.

A fotografia, entretanto, ainda não alcançou plenamente status de documento (que, neste sentido tradicional do termo, sempre significou o documento escrito, manuscrito, impresso na sua enorme variedade). Sua importância enquanto artefatos de época, repletos de informações de arte e técnica, ainda não foram devidamente percebidas: as múltiplas informações de seus conteúdos enquanto meios de conhecimento têm sido timidamente empregados no trabalho histórico. Por outro lado, investigações de cunho científico

acerca da história da fotografia – inserida num contexto mais amplo da história da cultura – são ainda mais raras. (KOSSOY, 2001, p. 28).

As imagens visuais, dentre elas as fotografias, quando usadas como fontes de pesquisas funcionam como mediadoras, portadoras de estilos cognitivos próprios. Ainda sobre a discussão da aceitação dos documentos fotográficos como fontes de pesquisa na análise iconográfica dos dados selecionados, a autora Maria Eliza Linhares Borges em seu livro “História e Fotografia”, discute o surgimento de um novo tipo de imagem visual, a fotografia, abordando sua trajetória e suas relações com a história-conhecimento, ressaltando os impasses enfrentados por esse novo tipo de fonte histórica. Sobre o reconhecimento e aceitação da fotografia como fonte de pesquisa, Borges (2011), enfatiza:

Ora, constatar que as imagens visuais, aceitas pela historiografia metódica, desempenharam as funções de ilustrar os textos escritos e de despertar sentimentos patrióticos nos leitores, ajuda-nos entender apenas parte do que estamos procurando responder. Em outras palavras, compreender o lugar da emblemática e da pintura, por si só, porque as imagens fotográficas levaram mais de um século para serem aceitas como fontes de pesquisa nas Ciências Sociais e na História em particular. (BORGES, 2011, p. 23).

A fotografia, quando surgiu no século XIX, não foi considerada pela história metódica predominante, documento histórico, apesar de ter sido declarada como documento histórico da realidade, era concebido como documento de segunda categoria, assim como as demais imagens visuais. Para Zita Rosane Possamai (2008, p. 255), em seu artigo “Fotografia, História e Vistas Urbanas”, em que a mesma faz uma abordagem sobre o crescente uso da fotografia pelos historiadores brasileiros, e suas diferentes abordagens metodológicas, destaca que, “A fotografia congela a imagem, imortalizada como cena que será objeto de investigação para o historiador.”

Ao deter um fragmento do real, as fotografias revelam uma importante significação no estudo dos acontecimentos históricos, são fontes válidas que nos permitem adentrar em ambientes inexplorados e, com um “olhar crítico”, analisar as representações que perpassam na imagem. Possamai (2008) coloca a importância do uso de fotografias como fontes históricas de grande valia e alerta os historiadores aos cuidados com essas fontes.

[...] as fotografias podem ser analisadas como imagens que apresentam um imenso potencial de investigação Histórica, principalmente, por permitirem o contato com uma realidade passada – a qual não deixa de fazer referência através da sua representação. Mesmo estando de forma inexorável ligada à cena registrada, a fotografia não pode ser concebida como mimese do real. Este equívoco muitas vezes toma de assalto o historiador desavisado. (POSSAMAI, 2008, p. 255).

Cada vez mais as fotografias são utilizadas como fontes, objeto de análise ou até mesmo como recurso pedagógico, isso mostra o desapego da comunidade científica dos modelos ou paradigmas metódicos. Porém há aqueles que acreditam que o uso dessas fontes na pesquisa histórica é sinônimo de inovação, negando o estatuto documental histórico às imagens visuais, fotografias. Nesse sentido vale à pena ressaltar a fotografia como uma mensagem elaborada através do tempo, apresentando-se como imagem/documento<sup>1</sup>, àquela com valor histórico para contribuir como fonte de pesquisa, retratando ações e períodos históricos. Kossoy (2001, p. 54) aponta o emprego da iconografia fotográfica no trabalho de pesquisa histórica, segundo ele “[...] se deparará com enormes dificuldades na medida em que a própria história da fotografia não tenha sido objeto de investigações abrangentes e aprofundadas.”

Ainda sobre a análise dos métodos de fotografias Borges (2008), destaca a importância do uso de metodologias e fundamentos teóricos ao utilizar as fotografias como fontes para fins compreensivos.

[...] Quando utilizada com fins compreensivos, a fotografia, ou qualquer outro tipo de iconografia, demanda o emprego de metodologias consoantes com a lógica e os fundamentos teóricos que define como fonte de pesquisa histórica. Inserir-la na pesquisa, a título de inovação, e aplicar-lhe o conceito de documento de um paradigma que não a inclui no rol das fontes, é o mesmo que produzir um coquetel teórico-metodológico, por certo nada esclarecedor. Quando as imagens visuais, dentre elas a fotografia, são utilizadas como fontes de pesquisa histórica, é porque funcionam como mediadoras e não como reflexo de um dado universo sociocultural. Integram um sistema de significação que pode não ser reduzido ao nível das crenças formais e conscientes. Pertencem à ordem do símbolo, da linguagem metafórica. São portadoras de estilos cognitivos próprios. (BORGES, 2008, p. 18-19).

Kossoy (2001) percebe a importância da utilização das fontes iconográficas, no referente caso às fotografias, como possibilidades de investigação e descobertas,

---

<sup>1</sup> Jaques Le Goff, “Documento / monumento, In: Memória e História, enciclopédia Einaudi, vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.”

ainda faz uma crítica àqueles que usam essas fontes como simples “ilustrações ao texto”, desclassificando a sua originalidade.

Para os estudiosos da História Social, história das mentalidades e dos mais diferentes gêneros de história assim como para pesquisadores de outros ramos de conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras “ilustrações ao texto”. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por conseqüência, da realidade que se originou. (KOSSOY, 2001. p. 32)

A utilização das fontes iconográficas remete-nos importância, pois através da sua análise, podemos compreender épocas anteriores, resgatando a história. Paulo César Boni(2008) em seu artigo “A fotografia como mídia visual da recuperação histórica da cidade de Londrina”, este sendo parte de um estudo organizado pela LEDI<sup>2</sup>, faz referência a Peter Burke (2004), destacando sua contribuição na compreensão do que já vem se afirmando, ressaltando ser a fotografia inicialmente secundária às fontes e documentos escritos, porém ao longo do tempo se destaca como fonte de recuperação histórica.

[...] Independentemente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica. Historiadores da agricultura, da tecelagem, da impressão de papéis, da guerra, da mineração, da navegação e das outras atividades práticas, a lista é virtualmente infinita, tem se baseado intensamente no testemunho de imagens para reconstruir as maneiras pelas quais os arados, teares, máquinas, impressoras, arcos, armas de fogo eram utilizados. (BONI, 2008, p.109).

Nesse contexto, a presente pesquisa “Representação Iconográfica de Famílias de Picos - PI: Assembléia de Deus de Picos, na década de 1990” pretende recuperar a história, no que se restringe às práticas religiosas, da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI, analisando iconograficamente as fotografias das famílias dessa instituição protestante, compreendendo sua significância para a sociedade picoense, descrevendo ainda seus ideais e princípios contidos na amostragem fotográfica, permitindo assim descrever as principais práticas religiosas dessa instituição protestante, na década de 1990.

---

<sup>2</sup> Revista dos Estudos dos Domínios da Imagem na História.

## 1.1 O advento da fotografia: processo documental.

Francisco Wellington Dantas Araújo (2011) em seu trabalho de monografia “Da Fotografia Analógica à Ascensão da Fotografia Digital” no qual tem o intuito apresentar o contexto histórico da fotografia analógica à digital, destacando os conceitos atribuídos a fotografia, sua origem no Brasil e seu processo de desenvolvimento, o autor trata ainda a origem do termo “fotografia”, e de seu prévio conceito original.

O termo vem das palavras gregas photosque quer dizer luz; e graphisque quer dizer estilo, pincel ou ainda, graphêque quer dizer desenhar com luz. Então, podemos concluir que fotografia é uma técnica de gravação por meios químicos, mecânicos ou digitais, de uma imagem numa camada de material sensível à exposição luminosa. (ARAÚJO, 2011, p.8).

Para Kossoy (2001) a contextualização da imagem fotográfica é de suma importância, pois se esta estiver descontextualizada do momento histórico, sua análise será diminuída, retratando apenas a história de suas técnicas.

[...] a história da fotografia se verá reduzida a uma história da técnica fotográfica se os temas representados se virem desvinculados de suas condições de produção; descontextualizados do momento histórico-social em que foram registradas. (KOSSOY, 2001, p. 54).

O autor Ulpiano T. Bezerra de Menezes (2003), em seu artigo “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”, que têm como objetivo principal deslocar o interesse dos historiadores para o tratamento mais abrangente da visualidade como uma dimensão importante da vida social e dos processos sociais, aborda a importância do Renascimento como um momento referencial da expansão da cultura visual no contexto histórico.

[...] O Renascimento, por sua vez, deixa-se inundar de imagens, contemporâneas, assim como antigas, criando um lastro em que a Revolução Científica logo mais vai assentar com bases do “oculocentrismo” do mundo moderno, particularmente no que diz respeito à representação do espaço e às teorias ópticas – que negam seus débitos para com a Antiguidade clássica. (MENESES, 2008, p.3).

No artigo científico “A musealização da memória fotográfica Rio-Grandina” dos autores Vanessa Barroso Teixeira e Diego Lemos Ribeiro (2012), que retrata os processos em que as imagens se transformam em documentos / fontes de

informação, os autores trazem uma prévia abordagem sobre o surgimento da fotografia.

A fotografia surge no século XIX, em meio às diversas mudanças tecnológicas e científicas que o mundo presenciava naquele momento. A Revolução Industrial mudava o rumo da história moderna possibilitava avanços nos modos de produção e facilitava o desenvolvimento de novas tecnologias, como é o caso da fotografia e de seus mecanismos. (TEIXEIRA, RIBEIRO, 2012, p. 102-103).

Mauad (2006) ressalta o surgimento da fotografia, seus precursores e intenções, isto é válido para possibilitar o conhecimento da origem fotográfica, e então perceber seu desenvolvimento e aperfeiçoamento.

A fotografia surgiu na década de 1830 como resultado da feliz conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade. Niépce e Daguerre – dois nomes que ligaram por interesses comuns, mas com objetivos diversos – são exemplos claros dessa união. Enquanto o primeiro preocupava-se com os meios técnicos de fixar a imagem num suporte concreto, resultado das pesquisas ligadas a litogravura, o segundo almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento (afinal de contas, ele era um homem do ramo das diversões). (MAUAD, 1996, p. 2).

Kossoy (2001, p. 26) aborda “[...] A enorme aceitação que a fotografia teve, notadamente a partir da década de 1860, proporcionou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais.” A familiarização da sociedade global, a possibilidade do autoconhecimento, da recordação, e da criação artística são as possibilidades alcançadas com o advento da fotografia como afirma Kossoy (2001).

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais precioso e mais amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Com a descoberta da fotografia, e mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais. (KOSSOY, 2001, p.26).

Kossoy (2001) ainda enfatiza o descaso e o preconceito com a fotografia, como fonte histórica, afirmando não ser exagero à crítica que sempre existiu certo tipo de preconceito na utilização de fotografias como fonte histórica. Boris Kossoy (2001) ressalta pelo menos duas razões que nos esclarecem o descaso com as

fontes iconográficas, em caso específico às fotografias na construção das pesquisas históricas.

[...] Algumas razões poderiam esclarecer o mencionado preconceito. A primeira é de ordem cultural: apesar de sermos personagens de uma “civilização da imagem” - e neste sentido alvos voluntários e involuntários do bombardeio contínuo de informações visuais de diferentes categorias emitidas pelos meios de comunicação, existe um aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma de transmissão do saber. A fotografia é em função dessa tradição institucionalizada, geralmente vista com restrições. A segunda razão decorre da anterior e diz respeito à expressão. O problema reside justamente na sua resistência em aceitar, analisar e interpretar a informação quando esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita. (KOSSOY, 2001, p. 30).

O advento da fotografia gerou polêmicas no campo das artes, como aponta Mauad (1996, p. 2) “[...] Ainda no século XIX, sua difusão provocou uma grande comoção no meio artístico, que via o papel da arte eclipsado pela fotografia, cuja capacidade de reproduzir o real, deixava em segundo plano qualquer tipo de pintura.”

Embora sejam percebidas as polêmicas envolvendo as fotografias e sua utilidade como fontes na pesquisa histórica, suas contribuições são inegáveis, é o que afirma Teixeira e Ribeiro (2012, p. 103) “Com a fotografia foi possível ter acesso a inúmeras realidades [...] ela preserva a memória visual do homem, ela congela o instante.”

No século XIX o controle dos materiais fotográficos estava restrito aos profissionais da área, porém a indústria ótica e química alargou o número de usuários da fotografia, ocasionando a chamada fotografia amadora, enfatiza Mauad (1996).

[...] No século XIX, este controle ficava restrito a um grupo seleto de fotógrafos profissionais que manipulava aparelhos pesados e tina de produzir seu próprio material de trabalho, inclusive a sensibilização de chapas de vidro. Com o desenvolvimento de indústria ótica e química, ainda no final dos Oitocentos, ocorreu uma standardização dos produtos fotográficos e uma compactação das câmaras, possibilitando uma ampliação dos números de profissionais e usuários da fotografia. No início do século XX, era possível contar com as indústrias Kodak e a máxima da fotografia amadora. (MAUAD, 1996, p.8).

Em concordância (Borges, 2011) aponta que inicialmente, os que tinham contato com a fotografia eram homens comuns, relacionados à arte, isso se



intensificou com o aperfeiçoamento das técnicas fotográficas, tornando o alcance das fotografias cada vez mais comum.

Não podemos nos esquecer de que nos primeiros anos do aparecimento da fotografia, os fotógrafos eram, na sua maioria, homens comuns – desenhistas e gravuristas autodidatas, caricaturistas, pintores tidos sem expressão artística. Não possuíam vínculos diretos com as Academias e suas imagens abordavam temas e motivos quase sempre distantes da ação dos homens considerados produtores da História. Isso sem dizer que já por volta dos anos de 1880, o aperfeiçoamento das câmeras fotográficas colocaria a fotografia ao alcance do homem comum. (BORGES, 2011, p. 29-30).

A fotografia é considerada como testemunho, pois atesta a existência de uma realidade, é o que afirmam Kossoy (2001, p. 50) “Toda fotografia é testemunho segundo o filtro cultural [...] toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.” Em concordância Mauad (1996, p. 4) aponta “[...] a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade. Como corolários deste momento de inscrição do mundo na superfície visível seguem-se as convenções e opções culturais historicamente realizadas.” Teixeira e Ribeiro (2012, p.106) apontam, “A fotografia nada mais é do que um testemunho das mudanças temporais, espaciais e humanas que ocorrem ao longo do tempo.”

Ainda sobre o advento dos estudos específicos das fontes fotográficas, é importante destacar sua repercussão na América Latina nas décadas de 1970 e 1980, é o que pode ser notado na abordagem de Kossoy (2001), que enfatiza a crescente biografia da fotografia na América Latina nas últimas décadas.

[...] Nos diferentes países surgiram, a partir dessa época, pesquisadores preocupados em levantar os fotógrafos que estiveram em atividades do passado e suas produções, bem como detectar os traços principais da manifestação fotográfica em seu processo histórico. Temos hoje efetivamente elementos para avaliar o desenvolvimento da fotografia na América Latina em função de uma historiografia que já existe e dos estudos que seguem progredindo, ampliando e reformulando novos campos temáticos de investigação. Dos anos de 1980 até o presente a bibliografia da fotografia cresceu significativamente. Tal iniciativa parece ter contribuído para a conscientização do poder público e de instituições privadas quanto à importância de seus patrimônios iconográficos nacionais. (KOSSOY, 2001, p. 134).

Araújo (2011), aponta aspectos significativos do contexto histórico brasileiro, na época do advento da fotografia.

O Brasil desta época, agrário e escravocrata, tinha a sua economia voltada para a cultura do café, visando exclusivamente o mercado externo e dependendo dele para importações de outros produtos. A sociedade dominante ainda cultuava padrões e valores estéticos arcaicos, puramente acadêmicos, já ultrapassados em seus respectivos países de origem, que só seriam questionados e combatidos com a Semana de Arte Moderna de 1922. Os Senhores do Café e a sociedade como um todo, tinham uma visão de mundo infinitamente estreita e só poderiam conceber a fotografia como mágica divertida. (ARAÚJO, 2011, p. 15)

No Brasil, o advento da fotografia data durante o Império de D. Pedro II, aonde muitos fotógrafos estrangeiros vieram para observar e pesquisar a fauna, a flora, e as riquezas minerais brasileiras, “[...] quando estes não integravam as comitivas científicas, os daguerreótipos<sup>3</sup> eram manuseados pelos próprios pesquisadores”, é o que afirma (Borges, 2011, p. 100-101).

Lília Moritz Schwarcz(1998, p. 345 - 355), no livro “As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos”, aponta em um de seus capítulos a revolução do daguerreótipo, enfatizando a fotografia como símbolo de modernidade.

A foto tornava-se, então, não só um símbolo de modernidade como marca de status e de civilização; uma distinção nas mãos de poucos. Assim se os usos e funções políticas da fotografia no século XIX tenderam a se expandir, de outro modo dialogaram com o imaginário local, que por meio dela reproduziam imagens e paisagens, como fez Marc Ferro a partir da década de 70. Mas a nova técnica também servia para atestar enriquecimento pessoal. Sobretudo essa nova corte urbana, em vista da morosidade e dos preços ainda mais elevados dos retratos a óleo, aderiu ao retrato fotográfico, feito as dúzias para ser dado de presente ou trocado. (SCHWARCS, 1998, p. 394).

Boni (2008, p.108) afirma “[...] a fotografia chegou ao Brasil em 16 de janeiro de 1840, trazida pelo Abade Louis Compte [...] D. Pedro mostrou-se entusiasmado com a máquina de fotografar, inicialmente chamada daguerreótipo.” Em concordância com Borges (2011), Boni (2008) destaca a presença de fotógrafos durante o império para registrar a família real e os aspectos geográficos do Brasil.

É possível dispor de vários estudos históricos no Brasil que tratam da fotografia como objeto de investigação, precisamente na década de 1990, é o que aponta Possamai (2008), ao descrever os estudos que tomam por base os documentos fotográficos como fontes de pesquisa aborda:

---

<sup>3</sup>O daguerreótipo é um processo fotográfico feito sem uma imagem negativa. Foi criada pelo francês Louis Daguerre em 1837 e anunciada em 1839. Foi declarado pelo Governo Francês como domínio público.

[...] Nessas pesquisas o leque de possibilidades é relativamente amplo: estudos temáticos diversos a partir das fontes fotográficas (LEITE, 2001; MAUAD, 1993); estudos sobre a trajetória da fotografia no Brasil (KOSSOY, 1989; TURAZZI, 1995); contribuição da fotografia para o conhecimento histórico (MAUAD, 1997; KOSSOY, 1989). [...] A abordagem das imagens fotográficas pela História requer inicialmente a delimitação de um corpus visual que possibilite a definição de uma série extensa e homogênea, que, por sua vez permitirá relações entre as imagens e diferenças próprias do conjunto de imagens que se escolheu analisar. (POSSAMAI, 2008, p. 256).

Conhecer a historiografia referente ao estudo das fontes fotográficas possibilita a percepção dos rumos tomados por essas fontes de pesquisa para a contribuição do conhecimento histórico, norteando as discussões que tratam gênese fotográfica, seu percurso e definições.

## **1.2 Metodologias da Pesquisa Iconográfica: recuperação de informações.**

O conhecimento dos processos metodológicos utilizados na pesquisa iconográfica possibilitará ao pesquisador informações precisas para a construção da análise dos documentos fotográficos.

[...] O documento histórico não é mais concebido como um dado puro que fala por si mesmo esse oferece, objetivamente, ao historiador. Novos temas e objetos de pesquisa orientam a busca documental. Novos métodos de pesquisa orientam o tratamento dado ao documento. A prática da pesquisa histórica vai além da prática das ações dos homens pertencentes ao círculo civil, religioso, e militar. Engloba, também, os testemunhos anônimos, deixados por todos aqueles que combatem, resistem, interagem e negociam, direta e indiretamente, com as diferentes esferas de poder. (BORGES, 2011, p. 76).

Ao desapegar-se dos modelos apresentados pela história metódica, que desclassifica as fontes iconográficas, pondo-as como inferiores aos documentos escritos, analisando os grandes feitos e personalidades, a prática da pesquisa histórica iconográfica perpassa os paradigmas historiográficos dominantes dos grandes feitos, percebendo a categorização dos testemunhos anônimos, no caso a percepção pormenorizada das fontes fotográficas. Aproximando-se de novos temas, os historiadores buscam elencar aspectos da vida privada, o cotidiano, as relações interpessoais, em casos mais específicos abordando histórias de famílias, crianças, casamentos, mortes, cerimônias religiosas dentre outros temas.

Teixeira e Ribeiro (2012, p.105) apontam “[...] O uso da fotografia como ferramenta de investigação traduz momentos únicos que não poderiam apenas ser descritos.” Vale ressaltar a importância da afinidade com as fontes, o trabalho do historiador deve ser feito com prazer, mas com imparcialidade, ao analisar as fotografias e, descrevê-las, o pesquisador jamais descreverá de igual modo as informações contidas nas fontes fotográficas em análise, nesse contexto a “educação do olhar” é válida para registrar fragmentos do real de acordo com as ações sociais, e para analisar o que foi registrado sem a ação impulsiva de incredulidade daquilo que se vê, se percebe. Borges (2011) é enfática ao afirmar:

Essa dilatação do uso da fotografia faz com que os novos fotógrafos estabeleçam novos e distintos critérios de olhar para fazer suas tomadas dos acontecimentos sociais. Cada indivíduo define não apenas o que merece ser registrado, mas também sob que ângulo as ações sociais de seus cotidianos devem ser imortalizadas. (BORGES, 2011, p. 30).

Ainda sobre a “educação do olhar”, na percepção e descrição das fontes fotográficas para a análise iconográfica na construção da pesquisa histórica, Mauad (1996, p. 9) afirma: “[...] a compreensão de textos visuais é tanto um ato conceitual, quanto um ato fundado numa pragmática, que pressupõe a aplicação de regras convencionalizadas na dinâmica social. Percepção e interpretação são faces do mesmo processo: o da educação do olhar.”

Perceber o momento em que foi registrada a fotografia, fazendo assim uma análise criteriosa do contexto histórico do dado momento, observando ainda as representações caracterizadas nos indivíduos ou nos objetos fotografados, permite ao historiador conhecer acontecimentos passados através das fontes fotográficas, sendo esta, meio significativo, documental e de registro histórico.

No processo metodológico iconográfico de recuperação e descrição das fontes, localizar e selecionar tais fontes são a primeira etapa do trabalho do historiador, o que Kossoy (2001, p. 63) define de “heurística”. Porém o auxílio de outros documentos enriquece a pesquisa, dando-lhe um suporte metodológico eficiente.

A descoberta de documentos escritos (de ordem biográfica, técnica, etc.), de objetos e equipamentos utilizados para o ofício fotográfico em estudo, os testemunhos orais de descendentes de fotógrafos e eventuais contemporâneos, além de registros comerciais, recibos de pagamentos de impostos, anúncios dos estabelecimentos e da bibliografia histórica no seu contexto mais amplo, tudo isso é

imprescindível para a reconstituição de um período determinado da atividade fotográfica ou para os trabalhos centrados na vida de um fotógrafo, assim como para a investigação das circunstâncias que envolveram a produção de uma fotografia no passado. (KOSSOY, 2001, p. 64 - 65).

Para a construção da pesquisa histórica, vale à pena ressaltar pelo menos quatro tipos de categorias que devem ser consultadas para as investigações sobre a fotografia, são as fontes escritas, dentre as quais abrange os manuscritos e impressos; as iconográficas que destaca outras subcategorias como originais e impressos, no que se refere à fotografia propriamente dita; as fontes orais, e as fontes objetos (monumentos arquitetônicos de toda natureza). Como destaca Kossoy (2001, p. 65) “[...] Neste sentido, as fotografias que sobreviveram nos interessam de pronto, mas também devem ser localizadas outras fontes que possam transmitir informações acerca dos assuntos que foram objetos de registros em dado momento histórico.”

É importante destacar também a contextualização da fotografia, como enfatiza Kossoy (2001, p. 74) “As fotografias, como todos os documentos, monumentos e objetos produzidos pelo homem, têm atrás de si uma história [...]” Nesse contexto, Borges (2011) alerta os cuidados que devem ser tomados com as fontes fotográficas, contextualizando-as e tornando-as fontes cabíveis de investigação histórica, destacando ainda que um documento descontextualizado possua significações diferentes.

[...] a pesquisa histórica não pode dispensar a contextualização da produção do documento, da mesma maneira que deve estar atenta aos diferentes sentidos que lhe vão sendo atribuído ao longo do tempo. [...] Esse método da contextualização ainda que necessário, limita-se a esclarecer as indagações relativas ao produtor da imagem e ao público a que se destina a sua imagem. (BORGES, 2011, p. 82).

Ana Cristina de Albuquerque e Eduardo Ismael Murguia em seu artigo “A descrição de documentos fotográficos através da ISAD (G) e AACR2: Aproximações e diferenças.” Divulgado pela Biblos<sup>4</sup>, enfatiza o documento fotográfico no âmbito da descrição em arquivos em bibliotecas, porém o que vale ressaltar para a presente pesquisa é o caráter de contextualização impregnado na descrição das fotografias para possibilitar a compreensão dos acontecimentos históricos.

---

<sup>4</sup> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 24, n.2, p. 25-41, jul / dez. 2010.

[...] A imagem fotográfica informa e comunica como qualquer outro documento, mas tem de ser contextualizada e utilizada com um objetivo para que possa oferecer o máximo de suas informações. O documento fotográfico, através do processo de descrição, torna-se visível de forma verbal, diferente da visibilidade em sua forma original, e é essa troca de linguagem representada nos instrumentos de pesquisa de cada área. (ALBUQUERQUE, MURGUIA, 2010, p. 27).

Em análise Meneses (2003) aponta a postura do trabalho historiográfico com as fontes iconográficas, as imagens visuais ou fotografias, em destaque na pesquisa, enfatiza que a contextualização, ou interação social produz sentidos à investigação das fontes.

A primeira decorrência desta postura é que trabalhar historicamente com as imagens obriga, por óbvio, a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação e consumo, a que agora cumpre acrescentar a ação. As imagens não tem sentido em si, imanescentes. Elas contam apenas – já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas - com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para a existência social (sensorial), a sentidos e valores e fazê-los atuar.

“A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas.” Mauad(1996, p. 10). A leitura e a descrição das imagens fotográficas permitem-nos perceber os traços ou as marcas deixadas por uma realidade passada, que tinha a intenção de representar estilos de vida ou acontecimentos históricos. Como destaca Mauad (1996):

[...] Considera-se fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado, condições de vida, moda, infra-estrutura urbana e rural, condições de trabalho etc. [...] a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo. (MAUAD, 1996, p. 8).

A análise técnica diferencia-se da análise iconográfica, nesta última deteremos os rumos da pesquisa, essa distinção faz necessária para compreender a maneira de investigação da pesquisa que têm por base as fotografias, porém essa diferenciação tem apenas efeito didático, na prática a união desses métodos torna eficaz a pesquisa histórica.

[...] a análise técnica (análise do artefato, a matéria, ou seja, o conjunto de informações de ordem técnica que caracterizam a configuração material do documento). [...] a análise iconográfica (análise do registro visual, a expressão, isto é, o conjunto de informações visuais que compõe o conteúdo do documento). (KOSSOY, 2001, p. 77).

As fotografias, como ferramentas de investigação, perpassam o campo historiográfico, sendo também objeto de análise de outras áreas do conhecimento humano como antropólogos, sociólogos, etnólogos dentre outros. As fotografias estão cheias de subjetividade, possibilitando a construção de novos significados, dependendo da percepção de cada indivíduo.

Percebe-se que a fotografia desde o século XIX atua como mudança cultural, trazendo consigo marcas próprias, servindo como suportes para pesquisas científicas e transformando a maneira de o homem ver o mundo. A imagem fixa lembranças, guarda o modo de enxergar aquele momento específico, guarda as vivências. A subjetividade presente na fotografia é mais do que necessária para ajudar a construir novos significados a cada olhar, a cada experiência de vida, a cada instante fotografado. O homem através dela consegue manter sua história constante, transmitir suas experiências e ressignificar seu passado. (TEIXEIRA, RIBEIRO, 2012, p. 106).

A fotografia deve ser considerada como um produto cultural, partindo desse princípio a utilização de imagens fotográficas como fonte de pesquisa devem prescrever a significação de símbolos e práticas podendo estes exercer diferentes significados numa mesma sociedade. Mauad (1996) aborda alguns trabalhos existentes com o uso de fotografias como fonte de pesquisa histórica.

As imagens fotográficas foram utilizadas como a principal fonte de pesquisa em diversas situações: fotografias da guerra de Canudos, produzidas e organizadas pelo Exército, em um álbum representativo da memória da vitória de uma certa versão de história; as imagens fotográficas das revistas ilustradas de crítica de costumes da primeira metade do século XX, avaliando o tipo de educação do olhar que elas imprimem em seus leitores; a construção do outro nas fotografias; os álbuns de famílias do século XIX e XX, permitindo penetrar na privacidade da memória através dos relatos do cotidiano neles contidos; as fotografias oficiais, que permitem a construção da representação simbólica do poder político [...]. (MAUAD, 1996, p. 11).

Para o estudo da imagem nesta pesquisa, focamos nas informações referentes ao assunto, ou seja, ao tema representado na imagem fotográfica, realizando uma descrição concisa do tema, do conteúdo da imagem. Analisar as fotografias de famílias da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI, descrevendo as

representações contidas nas imagens, contextualizando-as com o dado momento histórico permitirá ampliar o conhecimento da representatividade dessa instituição e de suas práticas religiosas, sendo assim possível resgatar a memória coletiva e individual. Como afirma Teixeira e Ribeiro (2012, p.106) “[...] Memória e fotografia coexistem juntas, estão intrinsecamente ligadas e através delas é possível construir referências históricas, individuais e coletivas.”

Sobre a análise iconográfica das fotografias de famílias, destacaremos Miriam Moreira Leite (1993) em seu livro “Retratos de família: leitura da fotografia histórica”, levantando uma série de questões teórico-metodológicas pertinentes em seu trabalho com álbuns de famílias de imigrantes. A autora descobriu modelos de representação de ritos sociais de passagem nas fotografias de casamento, de nascimento dos filhos, de batismos, de enterramentos, entre outras, que visavam a promover a coesão do grupo e a gestão da memória familiar. Em análise da obra de Leite (2003), Andréia Cardarello faz uma descrição sobre a abordagem de Miriam Moreira Leite.

[...] as informações verbalizadas nem sempre permitem integrar as fotografias que ilustram o texto na reflexão analítica. Faltam dados básicos, que vão além do nome da família, a data e o local do acontecimento apresentados, como sua condição social, por exemplo. Com a justificativa de que seu objeto de estudo não são as famílias, mas sim as fotografias, a autora não se alonga na descrição das pessoas retratadas, nem do relacionamento. (CARDARELLO, 1995, p. 246)

Para Kossoy (2001, p. 106) “[...] Através das fotografias reconstituímos trajetórias ao longo da vida: o batismo, a primeira-comunhão, os pais e irmãos, os vizinhos, os amores e os olhares, as reuniões e realizações [...]” Partindo desse pressuposto a descrição das imagens fotográficas permitirá a reconstituição das práticas religiosas existentes na década de 1990, pela Igreja Assembléia de Deus me Picos – PI.

O contato com pessoas proprietárias das fotografias possibilita a apreensão de uma série de informações úteis à pesquisa, como abordam Teixeira e Ribeiro (2012).

[...] Essa valorização dá-se por meio de um trabalho de pesquisa histórica e iconográfica, para que, através deste embasamento científico, possa ser reconhecida como fonte documental. O contato com pessoas idosas, com proprietários dessas fotografias, traz consigo um leque de informações que, devidamente trabalhadas, auxiliam na constituição de acervos fotográficos com características



de documentos históricos e fontes visuais tão importantes quanto os documentos escritos. (TEIXEIRA, RIBEIRO, 2012, p. 105).

Ao analisar as fotografias de famílias da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI, inicialmente o contato com os proprietários das fotografias é inevitável, isso trouxe informações prévias para a construção da presente pesquisa, em momentos de recordações, é possível reconstituir acontecimentos, porém os cuidados com a oralidade devem existir, sempre contextualizando os depoimentos com outros tipos de fontes.

Márcia Eléia Manha Mitsie Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza (2009), no artigo “A fotografia como evidência histórica: Retrato da família Mitsi”, que tem como objetivo verificar a possibilidade de utilizar as fotografias de famílias enquanto evidências para produção do conhecimento histórico, as autoras abordam ainda que a interpretação das fontes fotográficas apresentam diferentes possibilidades de análise, dependendo da cultura que o observador está inserido.

A fotografia de família, além de apresentar-se como memória familiar, permite a leitura de uma cultura material da época, bem como de comportamentos. Também é um documento imagético passível de interpretação. Enquanto representação varia de acordo com a cultura de quem a produziu e de quem a interpreta. Considerando então que as fotografias de família são documentos culturalmente construídos, cabe ao historiador aparelhar-se para decodificar a produção de sentido dos códigos culturais, das representações presentes nas mesmas. (MITSIE, SOUZA, 2009 p. 574).

A fotografia de família, como coloca Mauad (1996, p. 73 - 98), mostra um modo de vida representado através de objetos, poses e olhares dos fotografados. Peter Burke (2004) em seu livro “Testemunha ocular: história e imagem” destaca como idéia central, que o retrato é uma forma simbólica, composto por um sistema de convenções que muda com o tempo. Para ele, o retrato tem principalmente o propósito de apresentar o modelo de forma favorável.

Ainda percorrendo o caminho da análise de fotografias de famílias para compreender um determinado período ou realidade histórica, Mitsie e Souza (2009) enfatizam a importância de perceber o contexto histórico no qual a imagem foi registrada.

Compreendendo a imagem fotográfica como histórica e culturalmente construída, analisando-a no seu percurso gerativo de sentido, é possível construir o conhecimento histórico presente em determinado

recorte fotográfico. O texto (lingüístico, visual ou gestual) carece, para atribuição de sentido, ser analisado em seu aspecto de construção estrutural interna e também externa, situado em contexto histórico. (MITSU, SOUZA, 2009, p.569)

Em suma, a possibilidade da recente historiografia não se limitar somente a textos escritos, permite à produção historiográfica o uso de temáticas não convencionais, como o cotidiano, a vida privada, as relações interpessoais, que não se limitam aos documentos escritos. Nesse contexto a iconografia oferece evidências para a pesquisa e produção das novas temáticas em destaque.

É importante o conhecimento teórico sobre o tema proposto, no caso específico às fontes iconográficas, para compreender a significância da pesquisa histórica, qualificando as fontes iconográficas como válidas para as pesquisas das diversas áreas do conhecimento, no caso específico da História. Boris Kossov (2001, p. 32) cita Marc Bloch<sup>5</sup> “O poder do passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa.” Sobre essa perspectiva é de fundamental importância o estudo das fontes iconográficas, percebendo as novas possibilidades de reconstituição dos acontecimentos históricos.

O estudo da análise de fotografias de famílias permite conhecer à memória familiar, além de possibilitar a leitura da cultura material de um determinado período histórico, percebendo comportamentos e práticas coletivas e individuais. Sobre esse aspecto apresentaremos no próximo capítulo a análise de fotografias de famílias da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI na década de 1990, com o intuito de perceber as principais características das práticas religiosas dessa instituição em contraste com as práticas religiosas Católicas.

---

<sup>5</sup> Marc Bloch, Introdução à História. 2. Ed., Lisboa, Publicações Europa – América, 1974, p. 55.

**CAPÍTULO II:**  
**ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIAS:**  
**Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990.**

A utilização da imagem enquanto evidência histórica, e falamos aqui mais propriamente da fotografia, requer o que Mauad (1996, p.78) chama de “habilidade de interpretação”. Considerando então que as fotografias de família são documentos culturalmente construídos, cabe ao historiador aparelhar-se para decodificar a produção de sentido dos códigos culturais, das representações presentes nas mesmas.

Descrever as práticas religiosas protestantes da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI, na década de 1990, através da análise de fotografias contribuirá para perceber as principais características da instituição em contraste com as práticas religiosas católicas, instigando-nos a compreender as representações dessa instituição religiosa mostrada através da fotografia. Objetivamos analisar as principais práticas religiosas dessa instituição (batismos, casamentos, funerais, cultos) a partir da análise iconográfica, identificar através das descrições fotográficas dos templos assembleianos na cidade de Picos – PI, percebendo o aumento do número de fiéis.

Inicialmente faremos um breve comentário sobre a Reforma Protestante e suas práticas comunitárias, enfatizando as diferenças entre catolicismo e protestantismo, para melhor compreendermos os princípios seguidos pela Igreja Assembléia de Deus em Picos, PI, e suas práticas religiosas. Philippe Ariès e Roger Chartier (1991, p.102) no livro “História da Vida Privada, 3: da renascença ao século das luzes”, cita o grande historiador do protestantismo Émile G. Léonard que afirma, “A salvação pela fé é o princípio do protestantismo”, mas essa fé não está baseada na figura de cada indivíduo, mas está representada em Jesus Cristo, que para os protestantes é o único salvador e restaurador que possibilita o possível contato com Deus.

Sobre a Reforma protestante, Júlio José Chiavenato (2002, p. 323), no livro “Religião: da origem à ideologia”, aponta o Renascimento como meio influente da Reforma, atingindo muitas áreas do conhecimento, como possibilidades de despertar na Idade Média, afirmando que: “A Reforma ficou mais fácil porque a

Renascença inaugurou um novo tempo. O Renascimento e a Reforma liquidaram alguns dogmas e tabus da Idade Média.”

As diferenças entre católicos e cristãos reformados se acentuavam, pelos seguintes aspectos, na autonomia de escolher sacerdotes, pastores, abolição da confissão, acesso e leitura da Bíblia. É o que afirma Chiavenato (2002):

[...] Os cristãos reformados organizavam-se em igrejas autônomas e escolhiam seus sacerdotes, chamados pastores, que podiam casar-se. Os fiéis não precisavam deles pra “falar” com Deus, a quem se dirigiam “pessoalmente” nas orações e nos cultos. [...] Naturalmente todos tinham acesso a Bíblia, o que provocou grande excitação: pela primeira vez os fiéis manipulavam os livros sagrados [...]. (CHIAVENATO, 2002, p. 333).

Partindo das atitudes tomadas pelos precursores da Reforma, um modelo de diferenciação protestante foi desenvolvido com o intuito de tornar visíveis as diferenças existentes, no que diz respeito às práticas religiosas, entre protestantes e católicos. Uma dessas diferenças era o uso da Bíblia pelos fiéis, como demonstração de acesso às vontades de Deus, como destaca Chiavenato (2002, p. 333): “Para os cristãos reformados a Bíblia passou a ser autoridade suprema.” Sobre os princípios de “salvação do indivíduo”, existem divergências entre o catolicismo e protestantismo, este primeiro enfatiza a salvação do indivíduo por intermédio da Igreja, o segundo aponta a salvação como uma busca individual de cada um pela fé em Jesus Cristo.

É com base nesses ideais, que as práticas comunitárias protestantes se desenvolveram com um caráter diferenciador das já praticadas pelo catolicismo, abrangendo os cultos, as grandes etapas da vida individual como batismos, casamentos e, em contrapartida, a morte, analisada a partir da diferenciação dos funerais protestantes. Nessa perspectiva, pretende-se analisar as fotografias de quatro famílias da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI (A, B, C e D), descrevendo e contextualizando as práticas religiosas desenvolvidas pelos integrantes dessa instituição religiosa protestante, percebendo, além das práticas, os significados restritos aos templos.

Inicialmente, descreveremos a partir da análise das fotografias os batismos realizados pela Assembléia de Deus em Picos – PI, da década de 1990, logo adiante o casamento, depois retrataremos como os integrantes dessa Igreja lidavam com a morte, enfatizando os seus rituais isentos de símbolos, em quarto lugar

analisaremos os cultos ou reuniões religiosas destacando os objetivos dessas cerimônias e a caracterização dos membros integrantes da Igreja Assembléia de Deus em Picos, por fim a partir das fotografias descreveremos a construção dos templos, suas características e importância.

## 2.1 Batismos: reafirmação pública da fé.

“Tudo é regulamentado e ordenado segundo o evangelho, o batismo, a oração dominical; é aí que se encontra Jesus Cristo” (ARIES, CHARTIER, 1991, p.102). Com base nessa afirmação, a Assembléia de Deus em Picos – PI trata o batismo como reafirmação pública da fé em Jesus Cristo e de submissão a Igreja, este feito com base no arrependimento e na conversão do indivíduo, excluindo assim o batismo de crianças, já que estas embora tenham nascidos em uma sociedade dita “pecaminosa” não precisam se arrepender e nem se converter, pois estão na inocência de sua consciência.

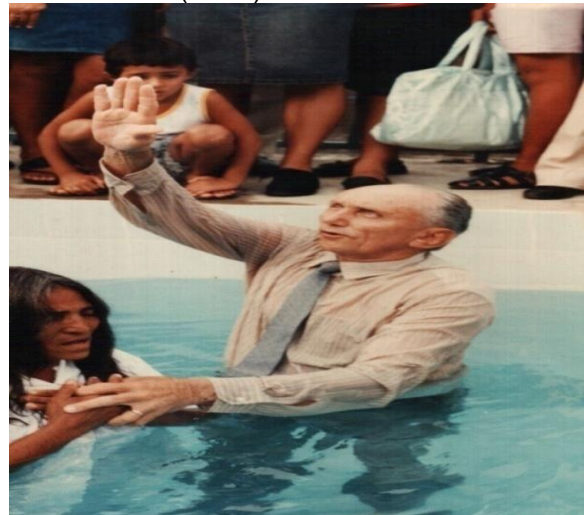
O batismo era realizado após a conversão, com o consentimento do indivíduo que deseja reafirmar a sua fé publicamente, enquanto as crianças são apresentadas no templo, seguindo o modelo bíblico descrito no Evangelho de Lucas cap. 2. vers. 22.<sup>6</sup>

Fotografia 1. Batismo de um dos Membros da família A (1992).



Acervo: Família A.

Fotografia2. Batismo de um dos membros da Família A (1993).



Acervo: Família A.

<sup>6</sup> “E, cumprindo-se os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor.”(Lucas 2. 22) – (Bíblia Obreiro Aprovado: sínteses, artigos, liturgia, dicionário, Harpa Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2011).

As fotografias<sup>1</sup> e 2 retrata os batismos de recém convertidos da família A, ao protestantismo e suas integrações como membros da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI, no ano de 1992 e 1993 respectivamente.

A cerimônia do batismo era realizada pelo líder religioso, pastor, no espaço de um tanque batismal da própria Igreja ou em locais apropriados escolhidos pelo líder religioso protestante, o pastor deveria estar vestido com uma roupa branca ou não, porém devia apresenta-se cobrindo todo o corpo. Os indivíduos que iam se batizar deveriam estar obrigatoriamente trajados de batas brancas, simbolizado a pureza, a iniciação de uma nova vida, um novo nascimento. O batismo era feito com ato de submergir o indivíduo na água, representando o sepultamento dos pecados no ato de mergulhar, e a restauração quando este torna à superfície.

Era uma cerimônia pública, aberta aos demais integrantes da Igreja, aonde o recém convertido professaria publicamente sua fé em Jesus Cristo, e sua afirmação em obedecer às doutrinas bíblicas e costumes da Igreja, tornando-se membro da instituição religiosa, estando ciente da disciplina, (ato de advertência pública em caso de desrespeito às normas estabelecidas pela Igreja). Todos ficavam no tanque batismal, homens e mulheres, porém eram batizados separadamente. Nas fotografias<sup>1</sup> e 2, os indivíduos pertencentes à família A, estão com a mão no peito, simbolizando o ato de reconhecer sua condição de “pecador”, e durante a cerimônia os futuros membros repetiam as palavras pronunciadas pelo pastor, concordando seguir as doutrinas estabelecidas pela Igreja Assembléia de Deus.

Em contraste com as cerimônias de batismos realizadas pela Igreja Católica em Picos – PI, na década de 1990, a Assembléia de Deus assume sua representatividade na sociedade picoense, diferenciando a cerimônia do batismo, abolindo a ação de batizar crianças, sendo esta substituída pela apresentação pública das crianças no templo.

É importante destacar a cerimônia da apresentação de crianças na Igreja Assembléia de Deus, contrapondo a cerimônia do batismo infantil da Igreja Católica para compreender o modelo de diferenciação protestante das práticas religiosas. A fotografia, a seguir, retrata a apresentação de crianças, filhos de membros da Assembléia de Deus, no templo; eram feitas no altar do templo e realizada pelo pastor da Igreja protestante, que realizava a leitura da Bíblia e uma breve explanação do texto lido, podendo também ser realizado por um integrante do corpo de obreiros, aqueles que auxiliavam o pastor. A cerimônia contava com a

participação dos pais, que levavam a criança e a entregavam ao pastor ou cerimonialista, os pais se colocavam à parte, enquanto o líder religioso apresentava a criança realizando uma oração com a participação dos demais membros da Igreja.

Fotografia3. Apresentação de criança recém-nascida na Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI. (1992)



Acervo: Família D.

Ao fazer as descrições das fotografias que retratam a prática religiosa do batismo, realizada pela Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, nota-se critérios dicotômicos no que se refere às representações dessa prática religiosa, observando características que mostram diferenças do modelo batismal apresentado pelo catolicismo.

## 2.2 Casamentos.

Uma das práticas comunitárias modificadas pela Reforma protestante foi o casamento, segundo Ariès e Chartier (1991, p.108) “[...] Noivado e casamento também dão lugar a cerimônia no templo. O noivado, ou palavra de futuro, constitui um compromisso solene que só o consistório pode romper por grandes e legítimas causas.”

Na Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990, as cerimônias de matrimônio, os casamentos, eram realizadas apenas para membros da Igreja, que fossem batizados, e já tivessem a reafirmação pública da sua fé em Jesus Cristo, estando consciente das doutrinas estabelecidas pela Igreja.

Fotografia4. Casamento de um dos filhos da família B, membros da Assembléia de Deus de Picos – PI(1998).



Acervo: Família B.

Ao analisarmos a fotografia4, percebe-se a noiva vestida de branco, como símbolo de pureza, o noivo caracterizava-se com roupas adequadas para a cerimônia, não sendo obrigatório o uso da cor branco, todos no altar do templo. A foto retrata a união das famílias, principal motivo do casamento, também é possível observar uma senhora membro da Igreja Assembléia de Deus portando a Bíblia Sagrada, isso mostra a consciência dos fiéis sobre os princípios bíblicos para o casamento.

### **2.3 Representações da morte: funerais.**

As representações em torno da morte, para os membros da Igreja Assembléia de Deus, podem ser analisadas a partir de dois aspectos, a isenção de símbolos, objetos ou instrumentos durante o funeral e a liturgia ou ritualística que extingue do velório as preces e orações pelo indivíduo falecido, tendo em vista a individualização da “salvação”, esta adquirida em vida, segundo os princípios assembleianos. Segundo Ariès e Chartier (1991, p. 109) “Para o defunto, de nada servem as preces dos parentes e amigos, e estes, seguros de sua eleição, não



precisam de consolo: a salvação é um assunto pessoal e a esperança dos sobreviventes é uma certeza.”

Com base nessa afirmação, podemos afirmar o modelo característico dos funerais protestantes, no caso mais específico da Assembléia de Deus em Picos-PI.

Fotografia5. Funeral de um membro da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, da família B. (1997)



Acervo: Família B.

Fotografia6. Funeral de uma criança membro da família B (1999).



Acervo: Família B.

A fotografia 5 mostra o velório de uma mulher integrante da família B, que em vida foi membro da Assembléia de Deus em Picos – PI, percebe-se que a família é de baixo poder aquisitivo, não utilizando indumentárias sofisticadas para o funeral, o caixão está posto em cima de duas cadeiras, tendo ao redor pessoas que velam o defunto. Não existe a utilização de velas e crucifixos, usados nos funerais católicos, na cerimônia fúnebre de membros da instituição religiosa Assembléia de Deus em Picos – PI.

Em uma sociedade onde o catolicismo influencia as práticas cotidianas dos indivíduos, às rejeições apresentadas por algumas pessoas da população picoense à nova forma da Igreja Assembléia de Deus de realizar as cerimônias religiosas trouxeram dificuldades de registrar fotograficamente os funerais, das quatro famílias abordadas na pesquisa, apenas a família B possui registros fotográficos de funerais, as outras três não registraram esses momentos.

Na fotografia 6 retrata o velório de uma criança, este caracterizado por um caixão de cor branca simbolizando a pureza e a inocência, bem como as vestes

usadas pela criança são brancas, prefigurando a figura de um “anjo”. Como o batismo era realizado após a conversão e esta só era possível se houvesse arrependimento, a Igreja Assembléia de Deus não se preocupava em batizar a criança, tendo em vista que era “pura” e não precisava se arrepender. Os funerais de crianças eram realizados de maneira simples abolindo também os símbolos do catolicismo.

Os funerais eram acompanhados de um culto fúnebre, cerimônia religiosa realizada pelo pastor, o objetivo do culto era consolar a família do que viera a óbito com cânticos que abordassem temas como: esperança, paz, descanso, confiança e fé, acompanhados de um sermão do pastor que geralmente refletia como palavras de ânimo e encorajamento ante a situação de desconforto.

[...] Ao executar seus ritos, os homens não apenas criam normas para domesticar a dor e o medo diante do sentimento de perda que a morte acarreta como também estabelecem normas para regular as condutas dos membros das comunidades a que pertencem. (BORGES, 2011, p. 62).

Ao analisar as fotografias de famílias que retratam os funerais realizados pela Igreja Assembléia de Deus percebemos sentimentos expostos, estes retratados por o ato de fotografar momentos de tristeza, como é o caso do que foi abordado, ou de felicidade. Como afirma Luis Humberto, apontado por (Teixeira e Ribeiro, 2012, p.104) “[...] a fotografia sempre foi, principalmente, um bem afetivo. Ela guarda um tempo e as caras como já foram um dia. É a lembrança e sentimento de algo perdido.” Isso enfatiza a fotografia como um instrumento de memória, possibilitando o resgate de acontecimentos de um determinado período histórico.

#### **2.4 Cultos: adoração, conversão, ensinamento.**

Ao analisarmos as fotografias de famílias, que retratam os cultos da Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990, pretendemos compreender o objetivo dessas reuniões religiosas, que se resumiam em três: adoração, conversão e ensinamento. Esses procedimentos podem ser percebidos na abordagem de Ariès e Chartier (1991), quando discutem a respeito das práticas religiosas coletivas modificadas com a Reforma protestante.

Tal controle visa inicialmente ao respeito às práticas religiosas coletivas. A primeira é a participação no culto dominical, que possui tríplice objetivo: a adoração, o apelo à conversão e, sobretudo o ensinamento. Aos dois primeiros objetivos correspondem as preces, as leituras bíblicas e os cânticos. O terceiro objetivo, o mais importante – a cerimônia como prédica, e é alcançado pelo sermão do pastor. (ARIÈS, CHARTIER, 1991, p. 105).

Para analisarmos as reuniões religiosas coletivas protestantes, os cultos, da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990, dividiremos esse tópico em três partes: adoração, conversão e ensinamento bíblico, para facilitar a compreensão dos princípios religiosos dessa instituição.

#### 2.4.1 Adoração: louvores individuais e coletivos.

Nos cultos da Igreja Assembléia de Deus durante a década de 1990, percebe-se ao analisar as fotografias pessoas que se destacavam na parte dos louvores, estes eram convidados para entoar os cânticos durante os cultos, precisavam ser membros da Igreja aqueles que ministravam o louvor, obedecer às doutrinas e estar integrado em grupos de louvores.

Fotografia7. Louvor individual: membro da Assembléia de Deus de Picos – PI cantando em um culto. (1996)



Acervo: Família D.

A fotografia 7 mostra o momento em que um membro da Igreja Assembléia de Deus em Picos – PI, no ano de 1996, está cantando no templo, percebe-se ao analisar a fotografia acima, que todos estão vestidos usando calça e camisa social, terno, e gravata; também observa-se o uso de microfones para que a voz daquele

(a) que estivesse cantando ecoasse no templo, a fotografia ainda mostra o uso de instrumentos musicais durante os louvores individuais.

A formação de conjuntos com o intuito de louvar (cantar) músicas que enaltecem a Jesus Cristo era comum na Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990. Esses grupos apresentavam-se divididos por faixa etária de idade, apresentando-se o conjunto de crianças, jovens e senhoras. Para integrar os grupos de louvores, os indivíduos convertidos precisavam ser batizados, como já abordamos anteriormente, ter professado publicamente obedecer às doutrinas da Igreja, exceto as crianças.

Para os precursores da Reforma protestante, os cânticos mereciam destaque, como apontam Ariès e Chartier (1991, p. 104), “[...] o cântico desempenhava um papel essencial; Lutero e Calvino enalteceram as virtudes da cantoria.”

Os grupos de jovens da Igreja Assembléia de Deus de Picos, no recorte temporal destacado nesta pesquisa, se apresentavam durante os cultos, para isso necessitavam ensaiar sob a orientação de um regente, podendo este ser de ambos os sexos, também mostrava-se importante a escolha de um líder para comandar o grupo, este deveria ser casado, por dois motivos, o intuito de inspiração para os jovens que posteriormente visavam o matrimônio, e o aconselhamento baseado nos princípios bíblicos, este era de fundamental importância na vida dos jovens assembleianos exercendo a função de sanar qualquer conflito existente.

Fotografia 8. Conjunto de jovens da Assembléia de Deus de Picos – PI (Templo Central) em 1990.



Acervo: Família A.

A fotografia 8 mostra um grupo de jovens no ano de 1990 na igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, no templo central, todos devidamente vestidos, as mulheres em sua maioria com vestidos ou saias longas e blusas simples e os homens de camisa social e calça. Os jovens são colocados em um local a parte, onde permanecem durante o culto e ficam em pé no momento de cantarem, o louvor é guiado por um regente, homem ou mulher, as moças geralmente ficam à frente dos rapazes, pois eram maioria. A facilidade da conversão de mulheres mostrava-se na formação dos grupos de louvor, sendo estes em sua maioria composto por mulheres.

Fotografia 9. Conjunto de jovens da Assembléia de Deus de Picos - PI (Samambaia), 1999.



Na fotografia 9 visualiza-se um evento de jovens na Assembléia de Deus do bairro Samambaia, Picos – PI, no ano de 1999, onde se percebe ao fundo da imagem, o nome do conjunto pintado na parede da Igreja. Os integrantes do grupo estão uniformizados, as mulheres de blusa branca e saia cinza-escuro, os homens de camisa social com a manga longa e calça social cinza-escuro. Como na foto 8, as mulheres estão à frente dos homens, ambos postos em um local destacado, ficando em pé no momento de apresentar o cântico, estando sob a orientação de um regente. A participação em grupos de louvor era percebida como integração do membro nas atividades propostas pela Igreja.

Ainda abordando sobre a formação dos grupos de louvores da Assembléia de Deus de Picos – PI, na última década do século XX, analisaremos a seguir as fotografias que retratam os grupos de crianças.

Fotografia 10. Conjunto de crianças da Assembléia de Deus do bairro Samambaia, Picos – PI (1998).



Acervo: Família A.

A fotografia 10 descreve a apresentação do conjunto de crianças da Assembléia de Deus do bairro Samambaia, Picos – PI, no ano de 1998, todos devidamente caracterizados, as meninas com vestidos ou saia e blusa, os meninos com camisa social, gravata e calça social, isso mostra que o modelo de como os indivíduos integrantes dessa instituição deveriam vestir-se era ensinado desde a infância. Ainda é possível observar a regente à frente do grupo que, no caso do conjunto de crianças, era indicado mulheres para assumir o cargo, estas também ensinavam as histórias da Bíblia Sagrada de maneira criativa.

A fotografia seguir mostra um grupo de crianças, na Assembléia de Deus do bairro Passagem das Pedras, cantando e gesticulando, sendo esta uma maneira criativa desenvolvida para aprender os cânticos, no conjunto estão crianças filhos (as) de membros da Assembléia de Deus de Picos. As crianças estão vestidas de maneira diferenciada, as meninas de vestido e os meninos de calção e de camisa, não sendo exigência da Igreja as vestes para as crianças, porém estas quando decidissem se batizar deveria ter consciência das doutrinas estabelecidas pela Igreja.

Fotografia 11. Conjunto de crianças da Assembléia de Deus do bairro Passagem das Pedras, Picos – PI (1999).



Acervo: Família C.

Na fotografia 11, mostra um grupo de crianças na Assembléia de Deus do bairro Passagem das Pedras, cantando e gesticulando, sendo esta uma maneira criativa desenvolvida para aprender os cânticos, no conjunto estão crianças filhos (as) de membros da Assembléia de Deus de Picos. As crianças estão vestidas de maneira diferenciada, as meninas de vestido e os meninos de calção e de camisa, não sendo exigência da Igreja as vestes para as crianças, porém estas quando decidissem se batizar deveria ter consciência das doutrinas estabelecidas pela Igreja.

Além dos conjuntos que cantavam, haviam grupos formados por jovens (moças) que realizavam coreografias durante os cultos no templo e em cultos públicos. Na imagem a seguir, fotografia 12, percebe-se uma reunião, culto, em uma casa de um dos membros da Assembléia de Deus de Picos, no ano de 1999, em que pastores e demais obreiros estão sentados, todos devidamente vestidos de camisa social, calça social e alguns com gravata. É possível observar o grupo de jovens, moças, uniformizadas caracterizando um determinado grupo específico designado para tal função, estão em duas filas de sentido vertical cantando e gesticulando, isso mostra a integração dos jovens na Igreja Assembléia de Deus de Picos - PI.

Fotografia 12. Grupo de jovens (moças) da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, 1999. (Coreografia).



Acervo: Família C.

A adoração a Deus da Igreja Assembléia de Deus de Picos, através dos louvores (cânticos), apresentava um modelo diferenciado da ritualística do catolicismo, excluindo dos seus cultos a adoração ou veneração às “imagens de santos” ou de escultura, prestavam culto ao Deus Supremo invisível que não poderia ser representado em pinturas, esculturas ou em outras formas de representação. Essa instituição religiosa protestante dava importância à formação dos grupos de louvores, visando à integração e comunhão de seus membros.

#### 2.4.2 Conversão: evangelismos e cultos públicos.

A conversão de pessoas era o maior objetivo da Assembléia de Deus de Picos – PI, na última década do século XX, e para que essa viesse acontecer era necessário despertar os seus membros para o evangelismo, responsabilidade dos fiéis, segundo o modelo bíblico da ordem dada por Jesus Cristo no Evangelho de Marcos cap. 16 vers. 15.<sup>7</sup>

Evangelizar era anunciar “a verdade”, esta descrita nas páginas da Bíblia Sagrada, os fiéis dessa Igreja acreditavam serem detentores dessa “verdade”, pois possuíam a Bíblia e a examinavam. Fazer com que as demais pessoas tivessem

<sup>7</sup> “E Ihes disse: Ide por todo mundo pregai o evangelho a toda criatura.” (Marcos 16.15) - (Bíblia Obreiro Aprovado: sínteses, artigos, liturgia, dicionário, Harpa Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2011).



acesso a Bíblia era uma das finalidades do evangelismo, este objetivava a conversão.

Fotografia 13. Membros da Assembléia de Deus de Picos – PI, reunidos para o evangelismo (1996).



Acervo: Família A.

A fotografia 13 apresenta a amostragem de membros da Assembléia de Deus de Picos – PI, no ano de 1996, se reunindo para o evangelismo. Essa prática se resumia na visita em casas de famílias ainda não participantes da instituição religiosa protestante, onde liam trechos da Bíblia e cantavam. Na imagem acima pode se perceber três senhoras, um senhor e uma criança, membros da Assembléia de Deus de Picos, devidamente vestidos segundo exigia as normas da Igreja. Observa-se ainda uma das mulheres segurando a Bíblia, atitude que demonstra segurança para falar com veracidade sobre assuntos que traziam divergências entre católicos e protestantes. As pessoas encontram-se no templo como mostra a imagem, local de encontro para o evangelismo, onde eram passadas as instruções necessárias para o ato de evangelizar.

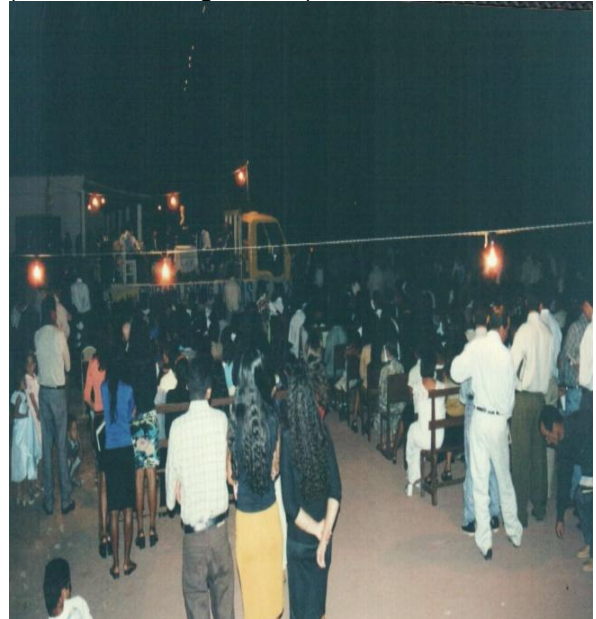
Eram realizadas também grandes concentrações de fiéis da Igreja Assembléia de Deus em espaços públicos, esses eventos eram chamados de “cruzadas evangelísticas”, que tinham por objetivo mostrar a representatividade da Igreja e levar a população à conversão.

Fotografia 14. Cruzada evangelística realizada pela Assembléia de Deus de Picos – PI, em 1999.



Acervo: Família C.

Fotografia 15. Concentração de fiéis da Igreja Assembléia de Deus de Picos - PI (Cruzada evangelística), 1999.



Acervo: Família C.

Na fotografia 14 é possível observar um palanque, simbolizando o altar do templo, onde estavam pastores e cantores, na faixa tem o nome do evento “cruzada evangelística”, e uma frase “milagres acontecem aqui”, que induz a população a perceber que naquele lugar existiria possibilidades de mudança de vida, resolução de problemas individuais e familiares; é possível observar ainda uma aparelhagem de som, que era utilizada para se fazer ouvir os louvores e sermões.

A fotografia 15 mostra a concentração de fiéis da Assembléia de Deus em uma “cruzada evangelística” alguns sentados nos bancos da própria Igreja, outros em pé; a iluminação era realizada pelos membros da Igreja a fim de todos acompanharem durante o evento religioso as leituras da Bíblia Sagrada.

#### 2.4.3 Ensino bíblico protestante: Assembléia de Deus.

Os ensinamentos realizados pela Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990 eram ministrados pelo líder religioso protestante, pastor, onde o mesmo usava a Bíblia em todos os sermões e os fiéis acompanhavam às leituras. O objetivo era possibilitar o acesso contínuo às Escrituras Sagradas, tornando os fiéis conscientes e detentores da “verdade” podendo, a partir do ensinamento, realizar

com mais convicção á prática do evangelismo. Sobre a importância de conhecer as Escrituras bíblicas e aceitando o que lhe é proposto, Ariès e Chatier (1991, p. 111) afirmam: “[...] ao acolher a Palavra e aceitar suas exigências, deve demonstrar que Deus o elegeu. Assim o individualismo e o foro íntimo estão no âmago da teologia reformada”, sendo assim, a idéia de certeza da salvação individual está garantida pelo contínuo acesso a Bíblia Sagrada e obediência aos seus princípios.

Fotografia 16. Pastor da Assembléia de Deus de Picos – PI, em sermão de ensino, 1996.



Acervo: Família D.

Fotografia 17. Pastor da Assembléia de Deus de Picos – PI, leitura da Bíblia, 1999.



Acervo: Família D.

Na fotografia 16, percebe-se que o local ocupado pelo pastor e demais obreiros, auxiliares do pastor, representa o altar, o líder protestante está devidamente a critério das normas estabelecidas sobre a maneira de se vestir para ir aos cultos, bem como ou seus auxiliares. Nota-se que o pastor está usando a Bíblia para ensinar os fiéis, o que lhes permitia perceber que aquelas palavras proferidas não eram baseadas nos próprios conhecimentos do pastor, mas extraídas dos ensinamentos de Jesus Cristo.

A fotografia 17 mostra o pastor fazendo à leitura da Bíblia, esse ato era realizado em todos os cultos, principalmente antes de ensinar aos fiéis os princípios bíblicos, ao fundo da imagem observa-se uma cortina no altar da Igreja, esta ornamentação substituía às imagens e símbolos costumeiramente percebidos nas cerimônias religiosas do catolicismo.

Um dos objetivos dos ensinamentos era incentivar os fiéis a leitura da Bíblia, portar as Escrituras mostrava o reconhecimento da sociedade desses indivíduos enquanto membros da Assembléia de Deus.

Fotografia 18. Fiéis da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, portando Bíblias Sagradas. (1998).



Acervo: Família B.

Essa imagem, fotografia 18, mostra de maneira nítida a importância para os fiéis assembleianos de Picos – PI, portarem a Bíblia. Observando, pode-se notar que esses indivíduos estão no templo e, ao levarem consigo as Bíblias, estão de fato analisando, conferindo e questionando os ensinamentos ministrados pelo pastor.

## **2.5 Espaço sagrado: Templo.**

O espaço sagrado da Igreja Assembléia de Deus, é o templo, no sentido de ser respeitado como local de proximidade com Deus, estes construídos com a ajuda dos fiéis e simpatizantes dessa instituição religiosa protestante. Mircea Eliade (1998, p. 296), no livro “Tratado de História das Religiões” dedica um capítulo para discutir a formação do espaço sagrado: templos, palácios e “centros do mundo” afirma que “[...] O lugar transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e de sacralidade que permite ao homem, na condição de que ali penetre tomar parte dessa força e

comungar nessa sacralidade. Tornando-se essa instituição elementar ao lugar [...].”Porém em análise observaremos os templos protestantes, Assembléia de Deus, de Picos – PI.

Marcus Troup e Adrew Angel (2010) no artigo “Microcosmo, utopia e libertação: a iconografia do templo de Jerusalém como contraponto ao iconoclasmo protestante”, trata do templo como local propício do encontro mítico com o ser supremo, fazendo uma distinção entre os simbolismos nas Igrejas Católicas Anglicanas, no ocidente, e nas Igrejas protestantes.

[...] O motivo pela consciente exclusão de representações religiosas no santuário se deve em grande parte às antigas tensões localizadas entre os crentes e a Igreja Romana, onde a mentalidade protestante é de se distanciar de qualquer manifestação que pudesse relembrar o Catolicismo. (TROUP, ANGEL, 2010, p. 148-149).

Ao observar as fotografias de famílias da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI pode-se perceber a ausência de símbolos, imagens de escultura, isso se deve ao combate protestante.

Fotografia 19. Reforma do Templo Central da Assembléia de Deus de Picos – PI (1991).



Acervo: Família D.

Na fotografia 19, observa-se um templo da Assembléia de Deus de Picos – PI no ano de 1991, em construção, mas precisamente passando por uma ampliação

do espaço. É possível notar a porta principal de entrada, bem como duas janelas na parte inferior, na superior ficariam as salas destinadas ao ensino bíblico crianças e tesouraria da Igreja, onde os fiéis trariam o dízimo, décima parte da renda financeira, este não era obrigatório e tinha por finalidade ajudar a Igreja com as despesas, e contribuir para a construção de mais templos. Ao lado do templo vê-se uma casa, era a casa pastoral, onde residia o pastor e a família, permitindo que os fiéis ao vir a Igreja estivessem em contato com o pastor e sua família.

Fotografia 20. Inauguração da Assembléia de Deus do bairro Passagem das Pedras, Picos – PI (1994).



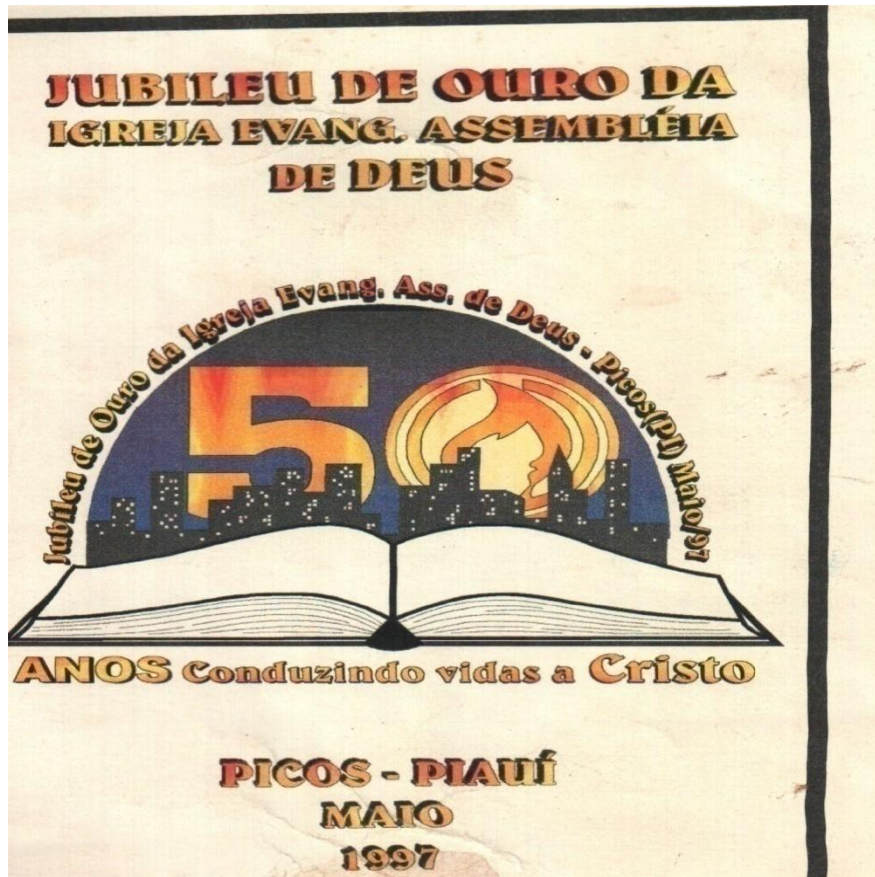
Acervo: Família D.

A fotografia 20 retrata a inauguração de um templo da Assembléia de Deus em Picos – PI, no bairro Passagem das Pedras, observa-se a quantidade de pessoas presentes no local para prestigiar o novo templo. Nota-se, na fachada do templo o nome da Igreja Assembléia de Deus, usado para identificação, o que difere dos templos católicos que não apresentavam o nome da instituição religiosa. Ainda pode-se perceber a ausência de símbolos como a cruz na parte exterior do templo, este símbolo não é utilizado pela Assembléia de Deus, pois remete a idéia da crucificação de Jesus Cristo, trazendo a cruz em sua simbologia uma idéia de “maldição”.

No ano de 1997, foi realizado na Assembléia de Deus de Picos – PI, um evento em comemoração aos cinquenta anos dessa instituição na cidade de Picos,

durante os dias de comemorações foram distribuídos uns livretos que contavam de forma resumida a história dessa instituição religiosa protestante na cidade de Picos.

Fotografia 21. Capa do livreto entregue em 1997 na festa dos 50 anos da Assembléia de Deus de Picos – PI.

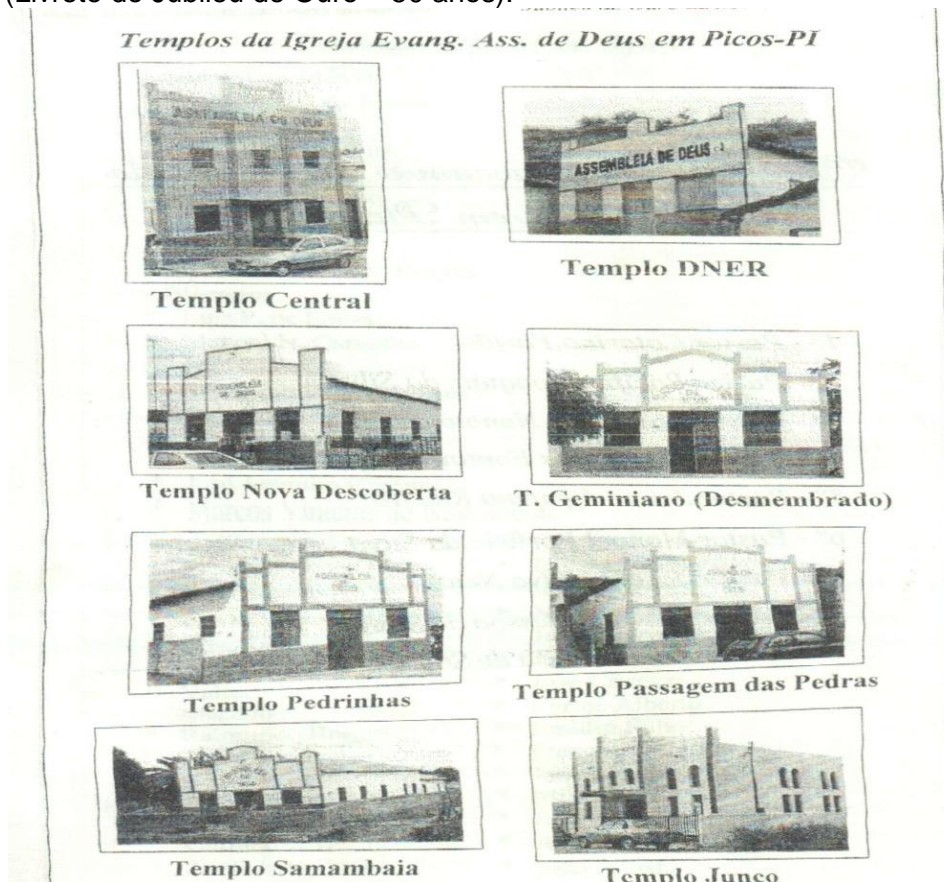


Acervo: Família A.

Na fotografia 20, nota-se a frase “50 anos conduzindo vidas a Cristo”, isso remete a idéia da conversão de pessoas a “Jesus Cristo”, sendo o principal objetivo dessa Igreja protestante.

No livreto entregue durante essa festividade, mostrava também os templos construídos pela Assembléia de Deus de Picos – PI até 1997. Em registrar por meio da fotografia a imagem dos templos assembleianos, os líderes e membros dessa Igreja pretendiam mostrar a representatividade da Assembléia de Deus em Picos, no intuito de tornar público o crescimento dessa instituição protestante, e em consequência disso, o aumento do número de novos convertidos, já que os templos só eram erguidos quando existia significativo contingente de pessoas convertidas.

Fotografia 22. Templos da Assembléia de Deus de Picos – PI em 1997.  
(Livreto do Jubileu de Ouro – 50 anos).



Acervo: Família A.

Ao observar a fotografia 22, nota-se que no ano de 1997, a Assembléia de Deus de Picos – PI dispunha de oito templos, sendo um deles o Templo Central, local de reunir todos os membros durante eventos. Ainda é possível observar o Templo do Geminiano, este foi desmembrado de Picos, com a emancipação política da cidade de Geminiano – PI, em 1994, porém foi construído quando ainda essa localidade pertencia a Picos – PI.

Pode ressaltar o nome de alguns bairros de Picos que já tinham templos da Assembléia de Deus construídos no ano de 1997, bairro DNER, Nova Descoberta (Conduru), Pedrinhas, Passagem das Pedras, Samambaia e Junco. Os templos da Assembléia de Deus de Picos – PI, construídos na década de 1990, apresentavam praticamente a mesma arquitetura, escolhida como padrão de identificação dessa instituição religiosa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia tem feito parte da experiência humana, como meio de recordação, informação, expressão e divulgação dos fatos históricos. Como afirma Kossoy (2001, p. 162) “O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível.” Com isso pode-se dizer que as fotografias são resíduos do passado, testemunhos visuais, que representam a memória individual ou coletiva, hábitos, costumes, fatos sociais, dentre outros.

Os documentos fotográficos podem ser utilizados como ferramentas de investigação, permitindo reconstituir uma determinada época através da análise iconográfica. É de interesse particular ou coletivo aquilo que pretende ser registrado, ressaltando os aspectos relevantes de cada particularidade sob o ângulo das ações sociais. A leitura ou descrição da imagem fotográfica nos permite perceber as marcas deixadas por uma realidade passada.

O processo metodológico iconográfico, aplicado à análise fotográfica em suma, consiste em localizar, selecionar, contextualizar e descrever as fotografias, percebendo as características intrínsecas que permitem reconstituir determinadas práticas do cotidiano de um indivíduo em particular ou de um grupo específico.

Diante disso, foi possível reconstituir as práticas religiosas desse determinado grupo religioso, Assembléia de Deus na cidade de Picos – PI. Ao analisar as fotografias das famílias desse grupo religioso, na década de 1990, percebemos que as práticas religiosas eram registradas de acordo com princípios doutrinários estabelecidos por essa instituição religiosa protestante, levando em consideração o caráter de diferenciação religiosa, buscavam representar o desapego a qualquer simbologia de outros grupos religiosos.

Representar através das fotografias as práticas religiosas dos batismos era de fundamental importância para estas famílias convertidas ao protestantismo e integrantes da Assembléia de Deus de Picos – PI, pois ao serem visualizadas como objetos de memória, retratariam o compromisso, a fé, a convicção, os princípios doutrinários que não poderiam ser esquecidos.

Os casamentos eram registrados fotograficamente para representar o enlace das famílias dos cônjuges, sendo importante a amostragem da Bíblia como fonte de orientação para a nova família em formação. As representações da morte, em análise os funerais, não se destacam naquilo que merece ser registrado

fotograficamente pelas famílias da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990, partindo das quatro famílias em análise.

O registro fotográfico dos funerais, para os membros desta instituição religiosa, representa ao visualizar as imagens sentimentos que não devem fazer parte do cotidiano dos membros dessa Igreja. Os cultos públicos ou no templo são registrados através da fotografia como sinal de integração, participação e representatividade dos membros dessa instituição religiosa, sendo importante registrar os grupos de cânticos, os sermões de ensinamento, os eventos públicos, e a amostragem de Bíblias pelos fiéis. Registrar os templos através da fotografia mostra o crescimento da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, na década de 1990, percebendo assim o aumento quantitativo de fiéis.

Em suma, a análise iconográfica das representações inseridas nas fotografias, nos permite elencar aspectos essenciais para reconstituir hábitos, práticas, princípios, simbologias, de um indivíduo ou de um determinado grupo social, político ou religioso. A partir da análise das fotografias de quatro famílias da Igreja Assembléia de Deus de Picos – PI, no recorte temporal da década de 1990, podemos reconstituir as principais práticas religiosas dessa instituição protestante, apresentando sua representatividade na cidade de Picos – PI, na última década do século XX.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de; MURGUI, Eduardo Ismael. **A Descrição de Documentos Através da ISAD (G) e AACR2: aproximações e diferenças**. Rio Grande – RGS: Biblos, v. 24, 2010. P. 25 – 41. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/1653/1016>. Acesso em 06/06/2013.

ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (org.). **História da Vida Privada 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARAÚJO, Francisco Wellington Dantas. **Da Fotografia Analógica à Ascensão da Fotografia Digital**. Monografia (Bacharel e Licenciatura em Comunicação Social – Habilitação Publicidade Propaganda) Faculdade 7 de Setembro – FA7. Fortaleza – CE, 2011. 48 fls. Disponível em: [http://www.fa7.edu.br/recursos/imagens/Filepublicidade/monografia/2011mono\\_wellington.pdf](http://www.fa7.edu.br/recursos/imagens/Filepublicidade/monografia/2011mono_wellington.pdf). Acesso em 17/06/2013.

BONI, Paulo César. **A Fotografia como Mídia Visual da Recuperação Histórica de Londrina**. Londrina: Domínios da Imagem, 2008. p. 107 – 128.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CARDARELLO, Andrea. Leitura da fotografia histórica. LEITE, Miriam Moreira (org.). **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 1995. p. 243 – 247. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a20.pdf>. Acesso em 25/06/2013.

CHIAVENATO, Júlio José. **Religião da Origem à Ideologia**. São Paulo: FUNPEC – Editora, 2002.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARTINS, Camila Miranda. **Cultura Material e Iconografia: um estudo das ânforas gregas do festival das panateneias**. Monografia (Bacharel e Licenciatura em História) UFPR, Curitiba – PR, 2011. 50 fls. Disponível em: [http://www.historia.ufpr.br/monografias/2011/1\\_sem\\_2011/camilla\\_miranda\\_martins.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2011/1_sem_2011/camilla_miranda_martins.pdf). Acesso em: 24/06/2013.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História interfaces*. Rio de Janeiro: Tempo, 1996. p.01 – 98.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Fontes Visuais, Cultura Visual, Balanço Provisório, Propostas Cautelares**. São Paulo: Ver. Bras. Hist. Vol. 23; 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>. Acesso em 09/07/2013.

MITSI, Márcia Eléia Manha; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. **A fotografia como Evidência Histórica: retrato da família Mitsi**. Londrina – PR: Anais II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009. p. 556 – 575. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1929/1662>. Acesso em 08/07/2013.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Fotografia, História e Vistas Urbanas**. São Paulo: HISTÓRIA, 2008. p. 253 – 277. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221014797012&idp=1&cid=509164>. Acesso em: 03/07/2013.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; RIBEIRO, Diego Lemos. **A Musealização da Memória Fotográfica Rio-Grandina**. Rio Grande – RGS: Biblos, 2012. p. 97 – 114. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/2278>. Acesso em 16/07/2013.

TROUP, Marcus; ANGEL, Andrew. **Microcosmo, Utopia e Libertação: a iconografia do templo de Jerusalém como contraponto ao iconoclasmo protestante.** São Paulo: Religare, 2010. p. 146 – 149. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/9787/5358>. Acesso em 02/07/2013.

**Documentos:**

OLIVEIRA, Heleno J. **Relatos e Fatos da História das Assembléias de Deus no Brasil.** Paulu's: ano ?.

ASSEMBLÉIA DE DEUS. **Jubileu de Ouro da Igreja Evang. Assembléia de Deus – Picos – PI, 1997.**